

Como “dissecar” um historiador: roteiro

Prof. Francisco José Alves de Aquino

Junho de 2016-Junho 2017

Publicado neste site em 30 de julho de 2023.

Iniciando - semântica de caracterizar

O Houaiss diz: **Caracterizar é evidenciar, destacar o caráter, as peculiaridades de alguém, de algo ou si de próprio; é distinguir.** (HOUAISS, Antontio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p 308.). Outro sinônimo de **caracterizar** é **perfilar**: traçar perfis ou retratos. Vejamos cada um dos seis itens ou aspectos do perfil dos autores que vamos esmiunçar.

1. A filiação teórica

A **filiação** é um meio para **situar o autor no campo das teorias, das doutrinas.** É inserir o autor no contexto científico e filosófico no qual ele se enquadra. A mente humana gosta de pôr as coisas em gavetas mentais, situar apazigua a mente.

A filiação teórica também dá conta do feitio tradicional e cumulativo do fazer intelectual, a **ciência normal** no dizer de Thomas Kuhn. Os autores estão presos às escolas, doutrinas científicas, filosóficas e políticas.

A chamada originalidade consiste muito mais na **síntese do herdado do que na mera invenção, ex nihilo, como Deus bíblico.**

A filiação teórica também é chamada de escola, doutrina, corrente, paradigma, estilo. Equivale, em literatura, aos chamados

estilos de época: barroco, romantismo, naturalismo, regionalismo, modernismo.

A boa inteligência de um autor implica situá-lo no âmbito das correntes historiográficas de sua época. Onde situar um autor como Lucien Febvre? Ou Michel Foucault? Ou Sérgio Buarque de Holanda?

Boa parcela do “estilo” de um autor decorre de sua filiação teórica. A filiação pré-determina objetos, métodos, conceitos etc.

2. Os autores que influenciaram o autor

Outro item do perfil de cada autor diz respeito aos autores que o **influenciaram, às fontes do seu pensamento. Ninguém se faz sozinho.** A ciência é, em grande medida, trabalho com a **tradição.** Autores se “**nutrem**” de outros autores. Os mais velhos “**fecundam**” os mais novos. Assim funciona a vida nos campos científicos, filosófico e mesmo artístico.

Não se trata, é claro, de **reprodução servil**, o famoso **magister dixit.** Trata-se de apropriação, de apoderamento ou adequação, ou reinvenção do herdado.

Seja como for, não há autor significativo que não tenha sido influenciado por outros autores (passados ou coevos).

Todo grande autor teve seus antecessores, leu a obra de seus antepassados, tomou de empréstimo ideias de outros. Não se fez

sozinho. Dada a influência, fica difícil discernir, num autor, o que é exclusivamente seu do que foi tomado emprestado de outros.

Mesmo gênios como **Karl Marx** (1818-1883), **Sigmund Freud** (1856-1939), **Friedrich Nietzsche** (1844-1900), e **Michel Foucault** (1926-1984) foram influenciados pelas ideias de outros autores, foram leitores. (Atenção!)

Marx foi influenciado por W. Hegel (1770-1831); Freud por Jean Martin Charcot (1825-1893); Nietzsche foi influenciado por Arthur Schopenhauer (1788-1860); Foucault pelos seus professores como Louis Althusser (1918-1990) e Georges Dumezil (1896-1986). Notem: mesmo com professores é possível aprender algo utilizável.

3. Os temas favoritos do autor ou do que tratou

Um autor também se caracteriza pela **temática que focaliza**, pelos assuntos que trata, suas “manias”, seus tópicos favoritos.

Os temas de um autor revelam suas obsessões básicas. Neste sentido, é como se a temática perseguisse o autor. Foucault foi perseguido pela questão do **sujeito**, enquanto E. P Thompson foi obcecado pela cultura dos **trabalhadores**. A temática é uma dica para a **“psicanálise” de um autor ou sua caracterização**.

A temática de um autor é um componente caracterizador do seu perfil. Ela revela o que encanta ou incomoda um autor.

Pensem, por exemplo, na “nostalgia” da **Casa-grande**, de Gilberto Freyre (1900-1987). Pensem no desvelo pela “tradição” de Luiz da Câmara Cascudo (1898-1896). Pensem no “empenho” em entender o Brasil de um Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Pensem no “desejo de modificar o Brasil” de um Nelson W. Sodré (1911-1999).

Os historiadores como todos os homens, são movidos por algum interesse.

4. Os conceitos chave do autor ou o seu idioleto

Item capital na caracterização de um autor são os **conceitos** por ele utilizados ou forjados.

Cada autor significativo se caracteriza pela adoção de uma **terminológica própria ou de um idioleto**, a sua gíria peculiar, de sua escola, ou da sua facção. Neste aspecto, fazer ciência é, em grande medida, pôr em circulação uma nova ou remanejada **terminologia**. Pensem, por exemplo, o conceito de **luta de classes**, de Karl Marx, ou noção de **inconsciente**, formulada por Sigmund Freud. Ciência implica nomenclatura.

Identificar e explicitar os conceitos chave de cada autor é penetrar no cerne de sua concepção, no coração do seu pensamento. Muitas vezes, é preciso atentar para a **semântica** de cada conceito, pois, às vezes, cada autor atribui a ele uma significação peculiar. Pensem, por exemplo, um conceito como

“ideologia”. Mesmo no âmbito do marxismo, ele possui mais de um significado.

Os conceitos de um autor são como que as vigas mestras de uma construção. Dão sustentação, base. Tomem, por exemplo, o conceito de “inconsciente” na obra de Sigmund Freud. Ou o conceito de “Modo de produção” em Karl Marx. Essas noções são a base do edifício teórico dos dois.

Para chegar até os conceitos principais de um autor é preciso ler seus textos com vagar, minuciosamente, vagorosamente. Leitura em câmera lenta.

5. O método adotado pelo autor/historiador. Ou seja, a sua “pegada”

Cada autor também se caracteriza pela **abordagem adotada ou método**. O método diz respeito ao modo como ele trata os seus objetos de investigação, seus dados, sua matéria prima, suas evidências.

Em historiografia, não há uma multiplicidade de métodos. Predomina alguns deles. Basicamente, há o método **sincrônico** e o **diacrônico**, a **explicação** e **compreensão**. Os demais métodos são, no fundo, variantes destes modelos básicos. Ou o historiador **narra ou descreve, explica** ou **interpreta**. No fundo é o que fazem os historiadores.

No método, podemos distinguir dois aspectos:

a) A exposição: narrar, descrever, tipificar etc.

b) A explicação: isto é, os “quês”, o “como”, os “porquês” e os “para quês” de um fenômeno social do passado.

Entre os historiadores há aqueles que enfatizam a explanação (isto é, a descrição ou narração) e há outros que acentuam a explicação.

No primeiro lote temos autores como Gilberto Freyre ou, antes dele, José de Alcântara Machado de Oliveira (1875-1941). Já no lote dos maníacos por explicação, temos autores como o marxista Manoel Maurício de Albuquerque (1927-1981).

No rol dos autores que vamos examinar, o método (enquanto explanação ou enquanto explicação) varia. Michel Foucault se diz adepto da explanação descritiva. O seu método é a descrição. Para ele, explicar um fato histórico é descrevê-lo em sua configuração singular, única.

Já um autor como Lucien Febvre adota o método compreensivo ou interpretativo. Elucidar historiograficamente é discernir sentidos e escavar (ou seria atribuir?) significados.

6. As teses esposadas pelo autor

As teses centrais de um autor revelam o coração, o miolo do seu pensamento, o ideário e seu **credo teórico** concentrado, resumido, compendiado, sistematizado.

Chegar às teses capitais de um autor nem sempre é tarefa fácil. Muitas vezes, elas estão difusas, sem uma formulação concentrada ou explícita e em tais casos, um bom exercício é

tentar “traduzir” o pensamento em sentenças curtas, sintéticas. Ou seja, reduzir o pensamento de um autor a um conjunto de **proposições** ou sentenças.

O fracasso em tal exercício, em geral, evidencia que não assimilamos o pensamento de um autor. Não captamos o cerne ou miolo do seu pensamento ou ideário. Quais as teses centrais de Karl Marx? De Sigmund Freud? Como chegar até elas?

As teses centrais de um autor dizem respeito a sua filosofia, ou seja, a sua compreensão do homem e da sociedade. Também remetem a sua visão metodológica. Isto é, como os eventos históricos devem ser inteligidos ou explanados. Como vocês podem adivinhar, não há, sobre este ponto, unanimidade. Há muitas teorias da história... Cada escola ou historiador cultua Clio a seu modo, postula um rito.

7. Para finalizar

Eis o bisturi de “dissecação” de historiadores. Caracterizaremos os autores a partir desses aspectos que acabei de **enumerar e explicitar**.

Vale ainda frisar que tal modelo ou roteiro não é o único possível. É somente uma opção, alternativa.

Vocês poderão descobrir outros roteiros, ou mesmo, no futuro, inventar outros bem melhores do que o aqui exposto.

Vale ainda enfatizar que, no momento atual da formação de vocês, **é importante ter modelos de procedimento, modos de fazer, de realizar** as coisas.

O modelo é uma ferramenta, e como tal, não vale por si mesma. Importa somente por aquilo que é capaz de realizar, pelo que possibilita.